

MARCAS DAS DIFERENÇAS EM CONTOS INFANTIS: TRANSVERSALIDADE VERSUS CISNORMATIVIDADE NAS PEDAGOGIAS DO GÊNERO

Freda (Frederico) Correa Corteze
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Prof. Dr. Fernando Seffner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo: Na construção sociocultural dos gêneros, as pessoas passam por um processo de identificação com marcas a elas atribuídas pela norma hegemônica. Esta norma, aqui entendida como cisnormatividade[1], hierarquiza tais identidades a serviço da manutenção das relações de poder estabelecidas, gestando dispositivos como as Pedagogias do Gênero para vigiar e controlar os corpos por ela marcados, o que acarreta em desigualdades de direitos entre as pessoas. Neste contexto, uma professora transgênera que atua na escola básica utiliza o recurso metodológico da Cartografia de Saberes e Matrizes Rizomáticas para entender como contos infantis com marcas das diferenças transversalizam a cisnormatividade na atuação de professoras(es). O percurso de pesquisa é: definir transversalidade em relação às trilhas teóricas levantadas pela revisão de literatura; mapear livros infantis com potência para transversalizar normas socioculturais como a cisnormatividade ; identificar professoras que utilizam contos infantis como instrumentos pedagógicos; discutir e analisar onde a cisnormatividade pode ser transversalizada na atuação de professoras(es). Até agora, a pesquisa levantou cerca de 90 livros infantis com potencial para transversalizar a cisnormatividade na biblioteca de uma escola pública de Montenegro, Rio Grande do Sul, organizadas em um quadro de obras que evidencia marcas das diferenças presentes nos livros. Na etapa seguinte, entrevistas semi-estruturadas de inspiração narrativa ajudarão a entender como estas marcas podem transversalizar a cisnormatividade na atuação de professoras(es).

Palavras-chave: Cisnormatividade. Literatura Infantil. Transversalidade.

INTRODUÇÃO

É urgente que a cisnormatividade (ou seja, a norma que estabelece apenas dois gêneros para as pessoas humanas — masculino e feminino — diretamente relacionados aos seus órgãos biológicos) seja evidenciada em seu caráter artificial e discursivo. No Brasil, levantamentos feitos por organizações que lutam pela igualdade de direitos para pessoas LGBTQIAPN+ têm apontado como a violência contra estes indivíduos aumenta ano a ano (ACONTECE LGBTI+; GGB, 2021). Em contraponto a isso, a pesquisadora e ativista transgênera Letícia Carolina Nascimento (2021) propõe

[1] Aqui, optou-se pelo termo cisnormatividade no lugar de heteronormatividade (WARNER, 1991), entendendo que a norma que determina a heterossexualidade compulsória também está atrelada à construção da cisgeneridade.

que a desnaturalização da cisnormatividade é uma via pela qual se pode combater tal violência.

A concepção de que o gênero das pessoas humanas está diretamente associado ao seu corpo biológico se estabelece como uma narrativa única (ADICHIE, 2019) sobre os corpos das pessoas. Dentro da escola básica, isto se dá através das Pedagogias do Gênero, um conjunto de enunciados discursivos, nem sempre atrelados aos conteúdos programáticos dos diferentes componentes curriculares, que delimitam e vigiam o que pode e o que não pode um corpo ao qual é atribuída feminilidade ou masculinidade. Entretanto, quando narrativas diferentes passam a habitar o ecossistema escolar, aquela norma é desestabilizada, evidenciando seu caráter artificial.

Seffner (2022) afirma que a norma, quando fala de si, é automaticamente flagrada como uma construção discursiva que incide sobre o corpo das pessoas, para regular posições de poder que nem sempre respeitam os direitos humanos. Justamente por isso, **a norma funciona melhor quando funciona em silêncio**. Como fazer falar a cisnormatividade num ecossistema onde as existências dissidentes a ela são ensinadas a silenciar? Contos infantis que carregam em suas narrativas as marcas destas diferenças têm potencialidade para a transversalizar.

A transversalidade, que nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) permite costurar temas relativos à sexualidade e relações de gênero nos conteúdos disciplinares, é entendida por Gallo (2009, p.25) como “uma espécie de trânsito pelos liames de um rizoma”. Ou seja, no campo da educação, a transversalidade também ajuda a sacudir as tramas discursivas que estabelecem as Pedagogias do Gênero (LOURO, 2000), permitindo a emergência de narrativas das diferenças que denunciam a artificialidade da norma cisgênera.

No presente percurso exploratório, de caráter qualitativo, uma professora de dança transsexual que atua na educação básica utiliza a proposição metodológica Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2020, 2021) para fazer trilhas de pesquisa pelo ecossistema da educação. Sendo ela própria escritora de contos de fadas LGBTQIAPN+, segue o conselho de Preciado (2017) em localizar sua perspectiva como cartógrafa de suas experiências, e busca entender a potencialidade

dos contos infantis para exercer a transversalidade em normas socioculturais, elaborando uma narrativa de si e do ecossistema em que se insere.

MARCAS DAS DIFERENÇAS

A Coleção PríncipXs (Imagem 1) é um conjunto de histórias que recria alguns dos mais populares contos de fadas utilizando elementos da cultura LGBTQIAPN+ para trazer representatividade a estas obras. Publicada por uma editora independente de Porto Alegre, a coleção já tem dois livros ilustrados, que recontam as histórias de: *Branca de Neve e os Sete Anões* (1812), recolhida da tradição alemã pelos Irmãos Grimm; e *Cinderela* (1634), escrita para a corte francesa por Charles Perrault. A estratégia desta coleção é inverter o gênero dos protagonistas dos contos, o que acarreta uma série de mudanças na estrutura das histórias que dão origem, respectivamente, aos livros *Neve* (CORTEZE, 2020) e *Abóbora* (CORTEZE, 2021). A escrita desses livros, que também contam com ilustrações da própria autora trans, foi o primeiro passo para um percurso que desencadeou a pesquisa de mestrado.



Imagem 1 - Livros e Ilustrações Coleção PríncipXs

Em seguida, a pesquisadora entrelaçou seus saberes pessoais aos saberes teóricos, sob a perspectiva rizomática e amorosa da Cartografia de Saberes (BAPTISTA, 2021), fazendo trilhas de pesquisa registradas pelas Matrizes Rizomáticas, que estão aqui exemplificadas pelos quadros 1 e 2. Estas matrizes, funcionando como **mapas das trilhas**, e permitem verificar a coerência entre as trilhas de: saberes pessoais, saberes teóricos, estratégias de aproximações e ações investigativas e a dimensão intuitiva da pesquisa. Assim, após a revisão de literatura, as aproximações realizadas com o lócus de pesquisa deram origem às ações investigativas, constituídas por um levantamento de livros com **marcas das diferenças** numa biblioteca escolar do município de Montenegro, Rio Grande do Sul, e posteriormente entrevistas semi-estruturadas de inspiração narrativa (ANDRADE, 2012) com professoras e professores desta escola.

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TRILHAS TEÓRICAS	AUTORAS/ES	CAPÍTULOS E SUBCAPÍTULOS
Entender como contos infantis com marcas das diferenças transversalizam a cisnormatividade na atuação de professoras(es).	-	Teorias Pós-Críticas; Estudos Culturais; Estudos de Gênero e Sexualidade;	Seffner (2022); Paraíso (2018); Hall (2016); Louro (2000); Foucault (2021);	1. É Hora da Excursão, Pessoal: apresentação 1.1. Fazendo Bagunça: trajetória da Arte à Educação 1.2. Pintando e Bordando: a Representação como instrumento de articulação 1.3 Um Vale Encantado e Um Dia Normal: cultura LGBTIA+ e norma 1.4 Trocando as Roupas: as pedagogias do gênero e da sexualidade
	-	Teorias Pós-Críticas; Cartografia dos Saberes;	Andrade (2012); Baptista (2020; 2021);	2. (Des)Caminhos da Floresta: percurso metodológico

				2.1 Saberes Pessoais 2.2 Saberes Teóricos 2.3 Usina de Produção 2.4 Dimensão Intuitiva
	Definir o que é transversalidade em relação às trilhas teóricas levantadas na revisão de literatura;	Teorias Pós-Críticas; Estudos de Gênero e Sexualidade;	Gallo (2009);	3. Da Transgressão à Transversalidade: o desafio de definir um conceito 3.1. Produzindo Infância 3.2. Narrativas da Diferença 3.3. Contos de Fadas
	Mapear livros infantis com potência para transversalizar normas socioculturais como a cisnormatividade ;	Estudos Culturais;	Bettelheim (2021); Hall (2016);	4. Conta pra Mim? mapeamento de obras 4.1. Narrativas Potentes 4.2. Narrativas na Escola 4.3. Narrativas no Município 4.4. Narrativas no PNLD 4.5 Quadro de Narrativas
	Identificar professoras que utilizam contos infantis como instrumentos pedagógicos; Discutir e analisar onde a cisnormatividade pode ser transversalizada na atuação de professoras(es);	Teorias Pós-Críticas; Estudos de Gênero e Sexualidade;	Gallo (2009);Louro (2000);	5. Transversalizando a Norma: a potência dos contos de fadas na atuação de professoras 5.1. Aproximações Investigativas: releitura na escola 5.2. Ações Investigativas: o que emerge nas entrevistas

Quadro 1 - Matriz Rizomática 3: Composição _ Trama Teórico-Bibliográfica da Pesquisa

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	LÓCUS DA PESQUISA	FONTE DE PESQUISA	APROXIMAÇÕES E AÇÕES INVESTIGATIVAS	RECURSOS DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE	CAPÍTULOS
Definir o que é transversalidade em relação às trilhas teóricas levantadas na revisão de literatura; Mapear livros infantis com potência para transversalizar normas socioculturais como a cisnormatividade ; Identificar professoras que utilizam contos infantis como instrumentos pedagógicos; Discutir e analisar onde a cisnormatividade pode ser transversalizada na atuação de professoras(es);	**LUGARES** - EMEF Irmãos Wilhelm e Jacob Grimm; **EVENTOS** - Percursos de Aprendizagem - Conversa sobre Gênero e Sexualidade com o corpo docente da EMEFWJG	**SUJEITOS DA PESQUISA** - professoras(es) da Rede Pública do município de Montenegro, RS; **MATERIAIS** - Contos Infantis **DOCUMENTOS** - Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	**APROXIMAÇÕES** - Leituras de contos infantis; - Eventos literários; - Visitas à escola; - Conversas com professoras; - Conversas com comunidade escolar; **AÇÕES** - Levantamento de livros com marcas da diferença na biblioteca da escola - Entrevistas semiestruturadas de inspiração narrativa	- revisão de literatura; - quadro de obras infantis com potência para a transversalidade; - evidências da transversalidade nas respostas das professoras	1. É Hora da Excursão, Pessoal: apresentação 2. (Des)Caminhos da Floresta: percurso metodológico 3. Da Transgressão à Transversalidade: o desafio de definir um conceito 4.Conta pra Mim? mapeamento de obras 5. Transversalizando a Norma: a potência dos contos de fadas na atuação de professoras

Quadro 2 - Matriz Rizomática IV: Coerência _ Operacionalização Dinâmica da Pesquisa

Guacira Lopes Louro (2000), ao relatar partes de sua vivência como estudante, relembra como eram os uniformes obrigatórios de sua escola. A autora utiliza esta palavra, **marca**, para dar uma definição daquilo que a escola, entre outras instituições normativas, imprime sobre os corpos que passam por seu processo disciplinar. A escolarização, como um dos processos pelos quais se dá a governamentalidade

(FOUCAULT, 2021), imprime marcas sobre as pessoas que a atravessam. Tais marcas têm a função de diferenciar identidades, para que assim elas possam ser hierarquizadas de acordo com a estrutura de poder dominante. A autora demonstra como estas marcas, dentro da instituição escolar, estão recorrentemente relacionadas a gênero e sexualidade. Já a forma como elas são atribuídas aos corpos e como seus limites são vigiados por esta instituição constituem as Pedagogias do Gênero e da Sexualidade. A norma cisgênera e heterossexual é, portando, uma das medidas limite pelas quais as marcas da diferença são ensinadas, construídas, dentro da escola.

QUADRO DE OBRAS

O quadro de obras (Imagem 2) com marcas das diferenças foi elaborado durante o verão de 2022, em três etapas: 1. levantamento; 2. seleção e 3. organização. Das cerca de 500 obras do acervo infantil da biblioteca da escola, foram levantados em torno de 150 livros, dos quais foram selecionados 90 com potencialidade para transversalizar diferenças dentro do ecossistema escolar. O levantamento das obras levou em conta: ano de publicação posterior à 2000; possuir etiqueta da biblioteca destinada ao público infantil; estar em bom estado de conservação (integridade de capa, contracapa e miolo, e com dados catalográficos legíveis). Posteriormente, a seleção das obras obedeceu ao critério: conter em suas narrativas e/ou ilustrações representações de pessoas negras; representações de povos indígenas; representações de pessoas com deficiência; representações de gênero e sexualidade diversas às normas hegemônicas (onde se incluem representações relacionadas à cultura LGBTIA+).



Imagem 2 - Quadro de Obras com Marcas das Diferenças, entregue como recurso pedagógico à biblioteca da escola participante

A representação é um recurso pelo qual se pode averiguar dois aspectos das manifestações e artefatos culturais: a poética e a política (HALL, 2016). Neste sentido, as representações descritas acima são utilizadas para selecionar as obras levantadas. Entretanto, para identificar tais representações é preciso prestar atenção em determinadas marcas das diferenças — evidenciadas no quadro formulado do qual se extraiu o exemplo abaixo (Quadro 3). As marcas aqui propostas foram construídas de modo a sinalizar quais grupos estão representados dentro das histórias, e tem relação com as lutas políticas que estes grupos vêm empreendendo para garantir seus direitos relativos ao acesso e à permanência escolar, procurando tornar este ecossistema permeável e acolhedor a suas existências.

Título	Autoria	Ilustração	Marcas das Diferenças
Rapunzefa	Luciano Dami	Marcos Garuti	Rapunzel de Dreads
Dagoberto	Nara Vidal	Flávio Fragas	Dragão Fada do Dente
Rodas, pra quê te Quero!	Angela Carneiro e Marcela Cálamo	Laurent Cardon	Protagonista Cadeirante
Otávio não é um Porco Espinho!	Jean-Claude R. Alplen	Jean-Claude R. Alplen	Descoberta do Corpo

Quadro 3 - Quadro de Obras com Marcas das Diferenças, exemplo resumido

O exemplo apresentado funciona como uma chave de leitura para o quadro completo. Nele, foram escolhidos quatro livros para salientar como as normas podem ser transversalizadas pelas marcas das diferenças. Já no quadro de obras completo, as marcas das diferenças foram organizadas considerando aquelas que têm potencialidade de representar determinadas identidades sociais com maior destaque, já que, em diversos casos, as histórias possuíam marcas relacionadas a mais de uma identidade social. Elas deram origem aos seguintes grupos: **1.** 7 obras com marcas relacionadas à masculinidades dissidentes, representadas no quadro pela cor ROSA; **2.** 32 obras com marcas relacionadas à cultura negra, representadas pela cor TERRACOTA; **3.** 11 obras com marcas relacionadas à cultura indígena, representadas pela cor MALVA; **4.** 7 obras com marcas relacionadas às culturas regionais brasileiras, representadas pela cor AMARELO; **5.** 4 obras com marcas relacionadas às culturas de pessoas com deficiências, representadas pela cor AZUL; **6.** 7 obras com marcas relacionadas à feminilidades dissidentes, representadas pela cor CEREJA; e **7.** 21 obras com marcas que não estão relacionadas a identidades sociais específicas, mas que de alguma forma transversalizam a norma (por exemplo, modelos familiares diferentes, personagens codificados de maneira a representar

diferenças[2], autores e ilustradores que representam identidades dissidentes). É importante ressaltar que não foi encontrada nenhuma marca que trouxesse relação direta com Cultura LGBTQIAPN+, a não ser através de codificação, onde a representação fica implícita em personagens fantásticos ou antropomorfizados. Além disso, ao longo da organização dos títulos nos diferentes grupos houve a emergência do grupo de marcas relacionadas às culturas regionais brasileiras, que não havia sido previamente considerado na etapa de seleção.

Uma princesa de contos de fadas que, ao invés de coroa, usa dreads nos cabelos (*Rapunzefa,* 2019); um dragão que, ao invés de ser mau, é uma fada do dente (*Dagoberto*, 2018); uma criança que, ao invés de correr com suas pernas, usa cadeira de rodas (*Rodas, pra quê te quero!,* 2006); e um menino cuja descoberta do próprio corpo não é vista como uma transgressão a ser silenciada, mas uma transformação a ser compreendida (*Otávio não é um porco espinho!,* 2015), são, dentro da escola, marcas de uma transversalidade em potencial. Em cada um destes casos, as crianças que entrarem em contato com estas obras poderá não apenas se reconhecer nestas representações, caso carregue em seu corpo as marcas que a fazem se identificar com elas, mas também reconhecer nestas marcas a outras pessoas de seu convívio. Desta forma, a norma sociocultural hegemônica é flagrada não como a história única sobre a infância e a escola, mas sim como apenas uma das histórias plurais que têm potência para habitar este ecossistema.

HISTÓRIAS PLURAIS: CONSIDERAÇÕES ATÉ AQUI

Até aqui, esta pesquisa verificou que livros infantis com marcas das diferenças têm potencial para transversalizar normas socioculturais como a cisnormatividade no ecossistema escolar. A transversalidade, neste sentido, tem o potencial pedagógico de promover histórias plurais, retirando as referidas normas de seu lugar de naturalidade, evidenciando que são construções socioculturais. Nos próximos passos, uma entrevista semi-estruturada de inspiração narrativa (ANDRADE, 2012) será utilizada para discutir e analisar onde esta norma pode ser transversalizada na

[2] Como no livro *Anuk, Bobuk, Tontuk, e uma foca branca* (2015), de Emilio Urberuaga, onde as cores dos animais servem de codificação para as relações entre pessoas de cores de peles diferentes.

atuação de professoras e professores. A pesquisa em andamento já coletou algumas entrevistas, e tem previsão de encerramento em janeiro de 2024.

Por enquanto, o que se pode considerar é a importância de transversalizar marcas das diferenças em livros infantis no ambiente escolar, potencializando desta forma a pluralidade de narrativas que convivem neste ecossistema de saberes. Neste sentido, a pesquisa que aqui se apresenta também faz parte destas narrativas, onde uma pesquisadora relata sua cartografia localizando suas experiências a partir de uma perspectiva transsexual, esperando que, desta forma, também no campo da pesquisa acadêmica novos saberes plurais possam fazer parte da construção do conhecimento.

Referências:

ACONTECE LGBTI+; GGB. *Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020.* Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, S. dos S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In. MEYER, D.E. E.; PARAÍSO, M. A. *Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 173-193.

BAPTISTA, M. L. C. *"Amar la trama más que el desenlace!"* : reflexões sobre as proposições trama ecossistêmica da ciência, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas, na pesquisa em turismo. In.: *Revista de Turismo Contemporâneo*, v. 8, n. 1, p. 41-64, jan./jun. Natal: Editora da UFRN, 2020. p.41-64.

BAPTISTA, M. L. C. Amorosidade, autopoiese e 'com-versações**'**: a potência dos 'entrelaços-nós' na educação e na ciência. *RIAEE*: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2358-2378, out-dez. 2021.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder.* São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GALLO, S. Currículo: entre disciplinaridades, interdisciplinaridades... e outras ideias. In: SILVEIRA, Érico da (org.). *Currículo:* conhecimento e cultura – Programa Salto para o Futuro. Ministério da Educação, Secretaria da Educação a Distância, Ano XIX, N. 1, abr. 2009.

HALL, S. *Cultura e Representação*. Rio: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-34.

NASCIMENTO, L.C.P. do. *Transfeminismos,* São Paulo: Jandaíra, 2021.

PRECIADO, P. B. Cartografias 'Queer': O 'Flâneur' Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia 'Zorra' com Annie Sprinkle. *E Revista Performatus*, Inhumas, v. 5, n. 17, jan. 2017.

SEFFNER, F. Não há nada tão raro quanto o normal: o homem comum, a virilidade política e a norma em tempos conservadores. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane. *Educação, Gênero e Sexualidade:* (im)pertinências. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 234-267.

WARNER. M. Introduction: fear of a queer planet. In.: *Social Text*, [S.I.], n. 29, [S.I.]. Durhan: Duke University Press, 1991. p. 3-17.